

VÍRUS, CONTAMINAÇÕES E CONFINAMENTOS

PANDEMÍDIA

LabArteMídia

Almir Almas

Luís Fernando Angerami Ramos

Deisy Fernanda Feitosa

Daniel Lima

Lyara De Oliveira

João Knijnik

(Orgs.)

FLUSSER EM WUHAN

Gilson Schwartz

Dizem que o coronavírus veio dos morcegos.

Embora essa origem (de acordo com a Organização Mundial da Saúde, OMS) seja por enquanto nada mais que uma hipótese¹, é uma explicação que ganhou ares de quase-verdade tamanha a sua exposição na mídia.

É o que informa o Guardian². Também vai nessa linha o New York Times³. E ainda o Zeit Online⁴.

Talvez nenhum ícone ou imagem técnica esteja nesse momento a tal ponto associada à pandemia, ao lado da culpabilização da China que frequenta o imaginário dos terraplanistas e congêneres. É uma imagem forte, com antecedentes na fantasia ocidental que vão de Drácula ao Batman, passando por Nosferatu (além do filme de Werner Herzog, o clássico de Murnau) ou pela opereta "Die Fledermaus" de Johann Strauss.

Mas é na obra de Vilém Flusser que vamos encontrar essa intuição científico-filosófica genial que recorre de modo pioneiro à alegoria de um ser "sugador de sangue", abissal e líquido para designar a emergência da pós-história em que somos "mergulhados" na liquidez digital.

Como nos tempos em que viveu Flusser, hoje vivemos acuados diante de uma viralização do fascismo que não é sem paralelos com a própria construção imaginária de "invasores" que marca a indústria audiovisual desde o pós-guerra: da invasão orsowelliana de marcianos à infantilização do E.T., a dificuldade da cultura para lidar com o Outro é um tropo recorrente que espelha a própria repugnância nazista à diferença democrática e à opressão tecnológica das sensibilidades divergentes. Flusser em sua mais radical obra de "ficção científica" explicita essas questões (Felinto remete ao filme "Arrival" (Denis Villeneuve, 2016): a "lula-vampiro do inferno" (tradução do nome científico em latim) é um polvo, um "cefalópode vampiro" é o ser vivo totalmente outro, uma derivação genética alternativa ao DNA humano, um quase-ET abissal que ilumina ao mesmo

1. https://www.who.int/csr/disease/coronavirus_infections/faq_dec12/en/

2. <https://www.theguardian.com/world/2020/apr/28/how-did-the-coronavirus-start-where-did-it-come-from-how-did-it-spread-humans-was-it-really-bats-pangolins-wuhan-animal-market>

3. <https://www.nytimes.com/2020/01/28/science/bats-coronavirus-Wuhan.html>

4. <https://www.zeit.de/wissen/umwelt/2020-02/coronavirus-ansteckung-tiere-fledermaus-ausbreitung-viren>

tempo o permanente mistério da natureza para a ciência e uma alegoria poderosa para decifrar os caminhos da pós-história digital.

Um polvo que é um morcego! E que na poética das imagens técnicas inventada por Vilém Flusser, ganha o estatuto de alegoria central para a emergência criativa, até mesmo erótica, de uma nova era civilizacional em que as relações entre cultura, técnica e natureza apontam para uma nova configuração emancipatória.

O registro de uma transformação civilizacional, transição epocal (epochalen Übergang), uma mudança de paradigma, constitui um aspecto determinante da obra de Vilém Flusser. A pandemia e a emergência de ícones referidos a novos elos perdidos entre a genética humana e animal que se disseminam pelo espaço-tempo acelerado da globalização é uma oportunidade inusitada para revisitar a ficção filosófica flusseriana.

O elo fundamental na construção da iconomia flusseriana é o conceito de memória. É na diferenciação entre competências mnemônicas que se diferencia o animal superior do inferior. A memória já não se dá na dimensão da reprodução, mas da criação de projeções mnemônicas, ou seja, todo lugar de memória é a projeção de uma geração futura e não apenas a reprodução de uma informação que viria de um tempo pretérito.

Nos humanos, portanto, a transmissão de informação é um processo cumulativo e aberto à evolução criativa. É acumulação de capital simbólico, ou seja, ampliação da produção material que é indissociável de uma expansão icônica que, no dinheiro, assume o caráter de entidade sobrenatural, como ídolo ou adoração.

O polvo marítimo é a metáfora biológica/oceânica para um tempo de liquidez digital ainda mais acelerada. E nos remete para um *tertius*, uma possibilidade que vai além da oposição entre animais inferiores (transmissão genética da informação) e superiores (registro inanimado e sujeito à deterioração em objetos exteriores onde a informação é codificada) porque a arte do ser social “Vampyroteuthiano” consiste numa ejaculação de cores, um orgasmo artístico em que é a superfície da pele, é o próprio corpo que se contrai e secreta pigmentos como reação à percepção de informação nova que, assim, é transmitida a outros seres vivos horizontalmente (não a objetos inanimados, nem à descendência biológica). É a transformação auto criativa que anima o encontro propício ao acasalamento e à procriação cumulativa. A reprodução torna-se uma conversação.

O que está em jogo nas metáforas da oceanografia biodigital flusseriana?

O consumo de animais silvestres, sobretudo de animais marítimos, mas também

de morcegos e outras espécies “selvagens” aparece hoje como uma fronteira viral que ameaça a própria reprodução ampliada do capital.

A ficção científica torna-se mais real e a alegoria flusseriana dos cefalópodes como antípodas a partir dos quais podemos perceber os limites do antropoceno capitalista faz muito sentido.

Estamos novamente diante do caráter precário, vulnerável e volátil do código genético e da necessidade de outras formas de comunicação intervital sob o risco de sucumbirmos à hiper exploração que leva ao consumo irrefreado e destrutivo do Outro e do meio-ambiente, porta de entrada para a morbidade viral e a destruição planetária.

Se é fato que a obra de Flusser nos convida a repensar a arte, os códigos e o imaterial, sua ficção científica ganha atualidade emergencial quando traduzida em termos biopolíticos e a economia política do “capitaloceno” vem para primeiro plano.

Esse é o horizonte interpretativo aberto pela leitura de Flusser, convidando o leitor contemporâneo a um perspectivismo em que o morcego de Wuhan e o polvo-morcego dos mares profundos sejam nossos irmãos e jamais um imaginário e indomável algoz.

REFERÊNCIAS

- Felinto, E. (2018), Oceano digital: imaginário marinho, tecnologia e identidade em Vilém Flusser, Galáxia (São Paulo) no.39 São Paulo Sept./Dec. 2018, <https://doi.org/10.1590/1982-255434444>
- Flusser, V., Bec, L, Vampyroteuthis Infernalis, Coimbra: [s.n.]. 159 p. ISBN 978-989-26-0254-7. Acessível em https://digitalis.uc.pt/pt-pt/livro/vampyroteuthis_infernalis
- Hanke, M.M. (2015), Pós-História e Pós-Modernidade. Dois conceitos-chave da filosofia da cultura crítica de Vilém Flusser e sua análise contemporânea da mídia e das imagens técnicas, Galáxia (São Paulo) no.29 São Paulo Jan./June 2015, acessado em 30 de maio de 2020 em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-25532015000100096
- Moore, J.W. (2017), The Capitalocene, Part I: on the nature and origins of our ecological crisis, The Journal of Peasant Studies, 44:3, 594-630, DOI: 10.1080/03066150.2016.1235036, acessado em 30 de abril de 2020 em <http://dx.doi.org/10.1080/03066150.2016.1235036>

GILSON SCHWARTZ

Professor Livre-Docente do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da ECA e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da FFLCH da USP. Criou em 1999 o projeto "Cidade do Conhecimento" no Instituto de Estudos Avançados da USP (www.cidade.usp.br). Autor de "Brinco, Logo Aprendo" (Campus, 2016) e "Íconomia: Introdução à crítica digital da economia industrial e financeira" (Coleção Cibercultura/Lab404, EDUFBA, 2019). Fellow do Departamento de Humanidades Digitais do King 's College de Londres (CAPES, 2019-2020).